

O GRUPO DE CONVIVÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS JOVENS – UM ESPAÇO ALTERNATIVO DE EDUCAÇÃO.

Lúcio Jorge Hammes*

RESUMO

O trabalho examina um espaço educativo de natureza não-formal de inserção de jovens – o “grupo de convivência”. Problematiza o processo de formação desenvolvido em grupos juvenis de convivência, vinculados a três organizações: Movimento dos Sem Terra, Pastoral da Juventude Estudantil e Rede Em Busca da Paz, buscando identificar os aprendizados realizados pelos jovens nestes grupos e seus efeitos para a constituição de capital social, enquanto instrumento para a inserção e participação juvenil nas comunidades, onde se inserem os projetos das três organizações. Resultados indicam diferentes formas de inserção e participação dos jovens nos três grupos de convivência estudados, como consequência do capital social gerado: enquanto os jovens da Rede em Busca da Paz e da Pastoral da Juventude constituem suas identidades coletivas com base em parâmetros ético-existenciais (justiça e paz), os jovens do MST o fazem com base em político-ideológicos.

INTRODUÇÃO

Os *grupos juvenis de convivência* são grupos que têm, na convivência, a base para desenvolver aprendizados, com objetivos comuns e uma metodologia que valoriza o processo histórico, a situação de cada um dos participantes e o desenvolvimento pessoal e comunitário. Nesses grupos, os jovens partilham idéias, estudam e assumem juntos conflitos, vitórias e derrotas, reconhecem sua individualidade, colocando o grupo como referência e apoio para a afirmação pessoal e a construção da utopia possível.¹

Com esta dinâmica, os grupos influenciam fortemente a vida dos jovens, clareando questões, propiciando novos referenciais e possibilitando uma atuação que abra espaço para a criação de expectativas de uma perspectiva de vida. Além de possibilitar a assimilação da novidade, a convivência transforma o indivíduo e o grupo, deslocando o indivíduo de si próprio para o universo do outro.

Sousa (1999), em uma pesquisa sobre a militância política dos jovens nos anos de 1990, reconhece o trabalho de assessoria religiosa que reuniu grupos de jovens, contribuindo para a formação de lideranças, atuando, posteriormente, em movimentos populares ou em partidos políticos. A autora sustenta que os jovens, com a experiência na pastoral, trouxeram para o grupo a informalida-

* Doutor em Educação, professor adjunto da Universidade Federal do Pampa. E-mail: luciojh@gmail.com

¹ *Sociedade nova* é tema corrente nos grupos juvenis de convivência. Fala-se da utopia possível, de modo semelhante como a defendeu Bourdieu (2002, p. 39): “utopismo que fosse realista”.

de e um relacionamento “leve”, onde é possível rir, dançar e brincar. O grupo é referência para o reconhecimento das idéias que compartilhavam: queriam ser autônomos.

Os jovens buscam o reconhecimento de sua individualidade, colocando o grupo na condição de referência da posição alternativa diante de um meio social e de apoio a uma afirmação psicológica de insatisfação de natureza tanto social quanto psicológica (SOUSA, 1999, p. 194).

A experiência de convivência nos grupos juvenis possivelmente tem seu referencial melhor na Ação Católica Especializada com os grupos de base, as equipes de articuladores e assistentes nomeados². Esta estruturação favoreceu o desenvolvimento de uma metodologia participativa e o desenvolvimento de um processo histórico que desencadeou o protagonismo juvenil nessa organização, tendo participação ativa na Igreja, no movimento estudantil, nos sindicatos e na política.

As heranças que a Ação Católica Especializada deixaram são a utilização do método Ver-Julgar-Agir, a busca de uma prática a partir da realidade concreta, considerando questões sociais e políticas, a formação na ação, a descoberta da necessidade de se lutar pela transformação das estruturas sociais, o uso – pelos grupos – de espaços de revisão de vida e de prática, a compreensão da fé vivida no engajamento social, a descoberta e a opção pedagógica pelos pequenos grupos e o despertar para o protagonismo juvenil (DICK, 2003, p. 280).

Os grupos passam a ser espaço de pertença e representação de seu ser jovem. Em muitas situações são alternativas de ação ou canal de participação na sociedade. Nesse sentido, também os grupos se adaptam para acolher as aspirações dos jovens, pois os motivos porque os jovens participam são os mais variados. Undiks (1989) sugere relacionar as motivações individuais com a organização juvenil e o sistema social em que o jovem está inserido, pois “es evidente que la intención de organizarse refleja la iniciativa juvenil en la solución de sus problemas y satisfacción de necesidades” (UNDIKS, 1989, p. 190).

Percebe-se uma aproximação entre os objetivos das organizações (e grupos) com os dos indivíduos. E a experiência histórica das organizações contribui para alcançar resultados que vão ao encontro dos desejos da juventude. Normalmente,

El motivo de la participación y el deseo de pertenencia a instancias no-cotidianas reflejan inquietudes personales hacia el protagonismo colectivo. Aunque generalmente el enlace con una organización juvenil no es el resultado de una reflexión profunda, sino más bien el conjunto entre amistades, causalidades, posibilidades que se ofrecen y el deseo de cambio (sea personal, social o políticamente motivado), la integración a una organización juvenil es una expresión del proceso de la formación de identidad del joven (UNDIKS, 1989, p. 212).

Esta perspectiva conduz a identificação de organizações que atuam com a juventude na dinâmica dos grupos de convivência, com destaque para as relações intragrupos (vínculos de pessoas

² “Assistentes nomeados” eram adultos, nomeados pelos bispos para acompanhar os diversos grupos nas universidades e nas dioceses ou cada uma das específicas (Juventude Operário, Juventude Universitária, Juventude Estudantil, Juventude Agrária). Na PJ, a “figura” do assistente passa a denominar-se assessor. Além de ser nomeado, sugere-se que seja que o assessor seja indicado pela base, por quem deve ser bem aceito, pois sua tarefa é assessorar todo processo que, muitas vezes, tem a ver com acompanhamento, proposições, reflexões e defesa da causa junta às instituições.

no grupo) e intergrupos (sinergia entre grupos e outras organizações). Nesta relação são produzidos aprendizados de convivência, que não significa que todos assumem o coletivo como referência de vida, pois, “a opção pelo coletivo não é a garantia da solidariedade emancipatória” (SOUSA, 1999, p. 198).

Nessa perspectiva, a Rede Em Busca da Paz (EBP)³, Pastoral da Juventude Estudantil (PJE)⁴ e Movimento dos Sem Terra (MST)⁵ propõem a vivência em grupos como proposta importante para a formação da juventude. Em suas especificidades, colocam o grupo como experiência básica para a sua formação. Essas três organizações colocam, especificamente:

A PJE, no seu Marco Referencial, afirma:

Um grupo da PJE é formado por jovens estudantes cristãos que, possuindo objetivos comuns, se encontram e partilham sua vida e sua ação na transformação do meio estudantil. A vida que surge de grupos que se articulam, procurando uma caminhada conjunta em nível de paróquia, diocese, regional ou em nível mais amplo é que faz surgir a organização onde o estudante é o protagonista (PJE, 1994, p.77).

O MST conclama para a unidade e a luta em conjunto e sugere uma organização da juventude para atuar de forma organizada. Um dos intelectuais deste movimento, Ademar Bogo afirma:

Naturalmente que todas as atividades a serem desenvolvidas pela juventude devem ser coletivas; para isto devemos estabelecer formas orgânicas para que os jovens tenham condições de atuar organizadamente e também terem suas referências organizativas constituídas (...) Ela, a juventude, de fato pode ser a força determinante dentro do MST, assumindo as tarefas de liderança que já são distribuídas dentro das instâncias (BOGO, 1999, p. 90).

E o EBP na Carta de Princípios da Rede Em Busca da Paz, aprovada pela 1ª Assembléia Geral, no dia 17 de outubro de 1999, afirma:

Acreditamos firmemente que o pequeno grupo de base é um lugar para a convivência afetiva, uma escola e oficina da paz onde se educa para a não violência e onde são organizadas e experienciadas ações em prol da paz no mundo. Para isto, temos enfatizado os principais pilares de sustentação de um grupo: união, formação, ação, espiritualidade e mística, avaliação e revisão de vida, metodologia e planejamento, coordenação e assessoria. Evidenciamos e favorecemos o protagonismo juvenil, tendo a assessoria adulta como referência de vida e educadora da paz.

Neste texto trago para o diálogo resultados da pesquisa “Aprendizados de convivência e a

³ A Rede Em Busca da Paz, com sede em Santa Cruz do Sul, constituiu-se em uma ONG voltada para a construção de uma cultura de paz, de promoção dos direitos humanos e assume a não-violência como estilo de vida e metodologia de ação. O grupo pesquisado desta organização foi Jovens Unidos Pela Paz (JUPA) de Santa Cruz do Sul, tendo jovens entre 12 e 28 anos.

⁴ A Pastoral da Juventude Estudantil é organizada por, com e para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio para que desempenhem a missão: “construir uma sociedade justa e fraterna, buscando transformações a partir da sala de aula”. Os jovens entrevistados são da PJE de Sapucaia do Sul – jovens entre 13 e 27.

⁵ O Movimento dos Sem Terra surge em função da reforma agrária no dia 07 de setembro de 1979 em Ronda Alta (RS). Hoje está presente em praticamente todo o Brasil e organiza mais de 1,5 milhão de pessoas em acampamentos e assentamentos. Neste Movimento, “a juventude, de fato pode ser a força determinante dentro do MST, assumindo as tarefas de liderança que já são distribuídas dentro das instâncias” (BOGO, 1999, p. 90). Os jovens entrevistados foram do assentamento da Fazenda Quinta de Encruzilhada do Sul e têm entre 12 e 21 anos.

formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis” (HAMMES, 2005), desenvolvida em três organizações que trabalham com jovens, em vista do protagonismo juvenil, na metodologia de grupos. Concebem o grupo como espaço de amadurecimento e crescimento e propõem oferecer aos jovens espaços de convivência, subsídios, contatos com pessoas qualificadas para o trabalho juvenil e uma estrutura mínima para o acompanhamento do processo de formação da juventude. Os dados estão organizados para visualizar espaços educativos de natureza não-formal de inserção de jovens – o “grupo de convivência”, problematizando os processos de formação desenvolvido em grupos juvenis, buscando identificar os aprendizados realizados pelos jovens nestes grupos e seus efeitos para a constituição de capital social

ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE FORMAÇÃO DA JUVENTUDE

Na linguagem do dia-a-dia é comum falar de juventude, de jovens e de grupos juvenis, como se fosse algo natural ou uma categoria universal. No entanto, as análises sócio-históricas mostram que somente no século XX a juventude é identificada como fase autônoma no curso vital humano. Além disso, o uso comum ampliou o conceito de tal maneira, que obriga a delimitações. Assim, quando se fala de juventude deve-se dizer de que juventude se fala, pois a juventude não se constitui um bloco uniforme e deve ser compreendida nas suas particularidades, como reconhece a Pastoral da Juventude latino-americana no seu Marco Referencial e não é possível falar simplesmente de *juventude* para abarcar “as variadíssimas situações em que os jovens vivem, segundo suas raízes e origens étnicas, suas influências culturais e suas condições políticas, sociais e econômicas” (CELAM, 1997, p. 32).

Da mesma maneira como acontece com a categoria juventude (conceito) e as juventudes (reais), também a situação em que os jovens se encontram é dinâmica. Sobretudo no início do século XXI, constata-se uma dinamicidade crescente deixando a impressão de que se está sempre em déficit, exigindo qualificação polivalente e a abertura ao aperfeiçoamento continuado para atuar em contextos variados. O sistema técnico que se desenvolve, especialmente com a eletrônica, biotecnologias, informática e a comunicação, exige adaptações, formando uma nova cultura ligada a este mundo novo que se gesta constantemente.

Essas transformações atingem as pessoas em todas as suas dimensões (sócio-afetivas, político-econômicas e culturais) e fundamentam outras, ao modo de uma espiral de inovação crescente. Assim, depois do capitalismo artesanal mercantil, se conhece nos séculos XIX e XX o capitalismo industrial (primeiro familiar e depois nacional e internacional) e ultimamente (há uns trinta anos) entrando em uma sociedade “pós-industrial”, baseado em um sistema econômico de livre mercado. Esse sistema adquiriu ares universais, fazendo entender que as alternativas desapareceram comple-

tamente (FUKUYAMA, 1992) e mostrou sua contradição no dia 11 de setembro de 2001, com o ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center e ao Pentágono, centros da economia e política deste sistema. A globalização tão apregoada mostra sua outra face: restrições às imigrações, protecionismos, guerras, prisões, torturas, etc. Assim, por exemplo, o conhecimento tecnológico disponível multiplicou as capacidades de dominar a natureza e o ser humano cria grandes desequilíbrios ecológicos, pondo em perigo aspectos básicos do ecossistema e sua própria sobrevivência. Outra contradição é a disparidade entre pessoas e nações:

Mientras que las capacidades productivas han llevado la producción mundial a más de 25 trillones de dólares, las polarizaciones sociales se han incrementando fuertemente y, según los informes de las Naciones Unidas (1998), 358 personas son poseedoras de una riqueza acumulada superior a la del 45% de la población mundial. Las disparidades alcanzan los aspectos más elementales de la vida cotidiana. Los acelerados progresos en medicina, han permitido una extensión considerable en la esperanza de vida pero, mientras en las 26 naciones más ricas la misma alcanzaba en 1997, a 78 años de edad, en los 46 países más pobres era, en dicho año, de 53 años (KLIKSBURG, 1999, p. 1).

Em relação à juventude um dado que não pode ser ignorado é sua presença como categoria sócio-cultural, construída a partir de 1950, com a inclusão de mulheres e operários. Outro dado importante é a sua presença numérica, revelando o destaque que os jovens hoje ocupam.⁶

Ainda que as previsões tenham seus limites, ninguém pode ignorar este “poder juvenil” ao tratar políticas em relação à juventude. Ao contrário, sugere-se reconhecer os jovens capazes de agir protagonicamente, buscando uma educação de qualidade, políticas de trabalho e renda com os jovens. A representação numérica, destacada na Tabela 1 sobre a população de 15 a 29 anos no Brasil em 2004, conforme o gênero, indica o quanto esta presença jovem pode influenciar a sociedade, como um todo. De um total estimado de 181.586.030 pessoas no Brasil em 01/07/2004, 35.130.257, ou seja, 19, 3% têm entre 15 a 24 anos e podem ser consideradas jovens, dentro do parâmetro da ONU. Mas ao ampliar esta fase, como alguns autores estão propondo para até 29 anos, tem-se 50.492.212 jovens, ou seja, 27,8% da população brasileira. Esta juventude é foco de campanhas políticas e do comércio e necessitam de espaço para desenvolver-se com dignidade, através de um sistema de educação, capacitação para o trabalho e formação para vida.

Com a industrialização e a ampliação da escola para operários e mulheres, diferentes mutações sócio-políticas (o comunismo, o nazismo e o fascismo) tornam a juventude muito mais visível. Na nascente Rússia revolucionária, Lênin discursa em 1920: “A União das Juventudes Comunistas deve ser o grupo de choque que leve sua ajuda e manifeste sua iniciativa em todos os terrenos” (LÊNIN, 2000, p. 28). Na Itália, o nascimento das organizações juvenis fascistas coincidiu com a

⁶ Schwartz se refere a uma nova motriz no desenvolvimento do cenário “Adolescente Global”, construído a partir do baby boom global, porque, segundo ele, mesmo levando em conta possíveis epidemias e catástrofes, seriam mais de 2 bilhões de adolescentes no mundo no início do século XXI, sendo que a maioria deles da Ásia e América Latina, com conseqüências incertas. O autor sugere um período exacerbado por uma nova sensação de poder dos adolescen-

fundação dos grupos fascistas em 1919 e todos cantavam: “juventude, juventude, primavera de beleza! E pela vida, só leveza o teu canto ressoa e vai” (Hino do regime fascista), reivindicando “confiar às gerações jovens o poder, todo o poder”. Na Alemanha, a radicalização da juventude preconizava ser um tipo diferente de ser humano, buscando a plena realização da humanidade, avançando para uma “cultura jovem” (Jugendkultur). Em 1913, numa reunião de Hohe Meissner (Grande encontro do *Wandervogel* e símbolo da mobilidade juvenil) esta juventude declara o seu direito a modelar seu próprio destino, afirmando:

Juventude Alemã Livre, por sua própria iniciativa, sob sua própria responsabilidade e com profunda sinceridade, é independente para construir sua própria vida. Para o bem de sua liberdade interior deverá, sob toda e qualquer circunstância, agir sempre unida (EISENSTADT, 1976, p. 85).

Possivelmente a conduta de prescindir de qualquer pedagogo (como sugeria Rousseau) foi uma das causas que levou esta juventude a um radicalismo exacerbado, sendo absorvida pela juventude nazista, tendo Hitler como o grande e único líder. Em setembro de 1935, a *Hitler-Jugend* afirmou:

Nós começamos a educar este povo de uma maneira nova, a dar-lhe uma educação que se inicia com a juventude para jamais terminar. No futuro, o jovem homem passará de uma escola a outra. Isso começará pela criança para terminar com o velho combatente do movimento. Ninguém deve poder dizer que haverá para ele um tempo em que estará entregue a si próprio (MICHAUD, 1996a, p. 297).

O início do século XX está dominado pela idéia da guerra: “um fantasma para alguns, uma miragem para outros” (LUZATTO, 1996, p. 247). Nessa situação, a juventude adquire muita visibilidade e “o debate sobre os jovens representava um dos temas, por meio dos quais a sociedade refletia sobre si mesma quando não podia fazê-la mais abertamente”. Constituiu um momento de auto-reconhecimento dos jovens, provocando o florescimento de revistas juvenis, sobre os quais escreveram intelectuais e artistas. Sobre esta situação, Ortega y Gasset, no dia 9 de junho de 1927, escreve:

O que realmente me parece evidente é que nosso tempo se caracteriza pelo extremo predomínio dos jovens. É surpreendente que em povos tão velhos como os nossos, e depois de uma guerra mais triste que heróica, toma a vida de repente um aspecto de triunfante juventude. Na realidade, como tantas outras coisas, este império dos jovens vinha se preparando desde 1890, desde o *fin de siècle*. Hoje de um lugar, amanhã de outro, foram desalojadas a madureza e a ancianidade: em seu oposto se instalava o homem jovem com seus peculiares atributos (ORTEGA Y GASSET, 2004).

Já no fim do século XX, Sandoval (2000) identifica mudanças na cultura contemporânea que estaria passando de um modelo cultural baseado na *razão social* a outro, fundado na *auto-realização autônoma*. São transformações que levam a mudanças de paradigmas, que determinam novas relações sociais. Nessa perspectiva, autores como o sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2000) assinala que a humanidade passa por um processo de transição paradigmática, mudando padrões e critérios regulatórios.

Krauskopf (2000), analisando a questão da participação social da juventude, chama a atenção para as mudanças provocadas pela globalização e a modernização, referindo que as políticas e programas de juventude necessitam considerar como eixos estratégicos a visibilização positiva dos jovens e a sua participação protagônica, abandonando o adultocentrismo, tendo presente as diversas situações de exclusão. A autora sugere que,

La participación juvenil no sólo requiere ser entendida desde su relación de empoderamiento respecto del sector adulto, sino que deben reconocerse las formas propias de empoderamiento que construyen y las transformaciones que se han dado en la expresión de los contenidos de la participación juvenil (KRAUSKOPF, 2000, p. 128).

Segundo a autora, a mudança paradigmática se revela em diferentes dimensões relacionadas com a participação juvenil: a constituição das *identidades coletivas* passa de parâmetros sócio-econômico-político-ideológicos para ético-existenciais: *com a orientação da transformação* pessoal como estratégia para influenciar mudanças nas condições de vida coletiva, atuando localmente para atingir mudanças globais, com metas palpáveis a curto e médio prazos, com a *organização de uma estrutura horizontal* com facilitadores e coordenações transitórias, respeitando a diversidade e a participação de todos (KRAUSKOPF, 2000, p. 129).

Lemus (1998), analisando o próprio paradigma juventude a partir do “processo social que implica a juventude”, constata mudanças históricas na idéia de juventude, passando, por exemplo, de “a esperança do futuro” (por privilegiar seu processo de formação, a força de consumo, disponibilidade de tempo livre) para “objeto perigoso” (produto da crise e da emergência de setores juvenis marginalizados, ao associar seu comportamento com a delinquência). Nos anos de 1990, a compreensão sobre juventude não está bem definida, mas,

Apunta hacia una gran diferenciación, desde el punto de vista de las políticas de juventud, como un sector potencialmente estratégico para el desarrollo social. Un sector estratégico, participativo y protagónico, que cobra irrelevancia en los procesos de cambio social, transformación productiva y fortalecimiento democrático que está viviendo nuestra sociedad (LEMUS, 1998 p. 07).

Na mesma perspectiva Urresti (2000) afirma que especialmente a partir dos anos 1980 percebem-se mudanças na sociedade como um todo, afetando também as formas de participação, definindo uma maneira de ser jovem.

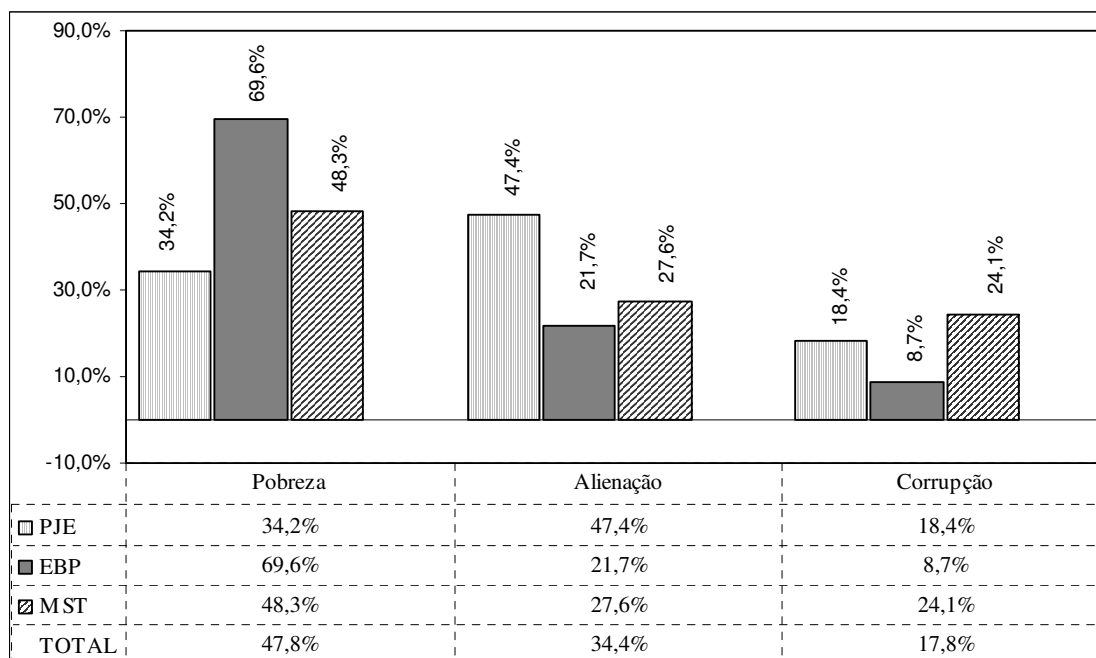
Transformaciones de orden tecnológico han incidido en la esfera de la producción económica, en la circulación de los capitales y en los sistemas de comunicaciones, alterando la división técnica y social del trabajo, rearticulando las ingenierías industriales y diversificando las ofertas de productos para el consumo. Esto tiene consecuencias inmediatas en la formación de las clases sociales y en las formas simbólicas a través de las cuales se agrupan los consumidores: se trata de un contexto que se complejiza y rompe con las dinámicas de agregación de la población antes vigentes, dificultando la movilización política, hecho que deriva de una creciente fragmentación de intereses que disuelve las bases objetivas de la solidaridad social (URRESTI, 2000, p. 187).

Conforme este sociólogo, na última década (1990-2000) sopraram ares de desencantamento pelas opções político, ajuste neoliberal, retração econômica, transnacionalização das indústrias e da

cultura. O fim da Guerra Fria transformou alguns países do ex-mundo comunista em “economias emergentes”, com um “Terceiro Mundo” cada vez mais debilitado e incerto, com um capitalismo orgulhoso e triunfante. Nesse ambiente, as reivindicações em bloco se perderam e as ameaças ao sistema só são possíveis do interior deste, como sucede com as crises financeiras, ambientais ou produtivas. Este vazio leva à exclusão social e à violência crescente e à indefinição. Pergunta-se: aonde vai levar tudo isso? A vontade de transformar o mundo se torna conteúdo privado de consciência, íntimo, bom augúrio, desejo pessoal. Embora não sendo os jovens responsáveis por este clima, eles, como em outras épocas, são um sintoma dos tempos em que vivem.

A mudança paradigmática sugerida por Krauskopf (2000), Urresti (2000), Lemus (1998), Fukuyama (1999), dentre outros, em relação à juventude se constitui em elemento fundamental a ser considerado no trabalho com os jovens, tendo em vista a promoção para sua participação nos movimentos sociais e seu comprometimento político com a construção do novo. Hammes (1999, p.151), a partir de uma pesquisa sobre a participação dos jovens nos movimentos sociais de Venâncio Aires da década de 1980 e 1990, afirma que “os jovens de hoje, mesmo sendo diferentes dos jovens do passado, continuam com o desejo de participar na gestão de uma nova sociedade”.

As pesquisas indicam que as grandes mudanças econômicas e sócio-culturais são especialmente sentidas pela juventude através do desemprego, da violência, destruição da natureza e pela necessidade de capacitação e de atualização, pois a concorrência se torna sempre mais acirrada (BAQUERO, 2004; SCHMIDT, 2001; SANDOVAL, 2002). Para muitos jovens parece que todas as alternativas se fecham e alguns se envolvem com tráfico de drogas, roubos e assaltos. Outros, porém, ainda conseguem ver perspectivas e se colocam a construir alternativas de um mundo melhor para si mesmos e para a coletividade. Solicitados a descrever o contexto sócio-econômico e cultural de hoje, os entrevistados responderam que *há muita pobreza, com desemprego e fome, alienação e corrupção*. Os dados podem ser observados no Gráfico 1, elaborado a partir das entrevistas em profundidade, conforme as organizações estudadas.

Gráfico 1 - Opinião dos jovens sobre contexto sócio-econômico e cultural, por organização

Fonte: Hammes (2005).

Uma análise específica do Gráfico 1, indica que os jovens da EBP descrevem um contexto sócio-econômico e cultural marcado pela pobreza (69,6% das respostas). Os jovens da PJE, por sua vez destacam o traço de alienação neste contexto (47,4 % das respostas), enquanto os jovens do MST (24,1 % das respostas) a corrupção.

A situação é descrita pelos entrevistados como sombria, com expressões carregadas de vida e existência, vindas da sua situação concreta e que têm a ver com seu modo de vida, sobrevivência e representação social. De um total de 90 respostas obtidas, 47,8% referem explicitamente às questões relacionadas à situação sócio-econômica. Segundo eles, a situação está *muito difícil*, e percebem-na *piorando*, com fome e os índices de desemprego aumentando. Os entrevistados afirmam:

A situação da *pobreza é muito grande* (Militante do MST)

Eu acho que deveria melhorar muita coisa, como toda situação. *Tem muita gente que passa fome* (Iniciante da EBP).

Essa situação, segundo os jovens entrevistados, traz conseqüências como o desemprego, violência, o individualismo, a desagregação familiar, entre outros, e atingem especialmente a juventude. Eles se expressam da seguinte forma:

A situação não está bem. A gente sente o *desemprego* e a *falta de incentivo para os jovens*. Neste sentido, o grupo é muito importante, porque nos ajuda muito (Militante do MST).

A situação é muito difícil. Todos temos dificuldades, pois moramos num bairro pobre. As famílias acabam se desagregando (Militante da EBP).

Acho que a cada dia que passa a situação se torna mais difícil encontrar emprego. A modernização toma conta e necessita de pessoas sempre mais especializadas (Egresso do MST)

A situação é um tanto complicada. Tem muita *violência e drogas* (Militante da EBP).

Os entrevistados descrevem uma situação sombria, confirmada por dados da Organização Ibero-americana da Juventude (OIJ). Ao mostrar que, apesar de maior nível educativo dos jovens latino-americanos, a taxa de desemprego aumentou e/ou a qualidade do emprego foi deteriorado.⁷ No Brasil, conforme a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, o desemprego também atinge de modo todo especial a juventude (15-24, conforme a ONU) que compõe cerca de 30% da População Economicamente Ativa (PEA), mostrando que, nos últimos dez anos, o desemprego entre os jovens cresceu 208%, revelando inclusive que a tendência de aumento do desemprego permanece na presente situação.⁸

A desagregação familiar atinge, hoje, muitos jovens que necessitam de referenciais, como mostra Sarti (2004):

A importância fundamental da família para o jovem está precisamente nessa possibilidade de manter o eixo de referências simbólicas que a família representa – como lugar de afetividade e, assim, palco de conflitos – e que nesse momento, mais radicalmente ainda do que em outros momentos do ciclo de vida familiar, precisa abrir espaço para o outro, justamente para continuar a ser ponto de referência (SARTI, 2004, p. 124)

Bajoit (2003) fala de incertezas em todos os campos de relações sociais: família, meio de trabalho, vida política, etc. Estas incertezas se expressam em tensões porque os jovens querem ao mesmo tempo a realização individual e o reconhecimento social e que as instituições (família, escola, mundo do trabalho, o Estado...) lhes possibilitem os meios para consegui-los. “Ahora bien, para muchos de ellos – y no solamente los excluidos y los cesantes, sino también los ‘hijitos de papa’ – esto no surge de la nada” (BAJOIT, 2003, p. 204).

Os jovens também referem, como característica do contexto sócio-econômico e cultural do país, a alienação: “ Eu acho que o mundo está numa situação muito precária. *A mídia só serve para alienar a gente*” (Militante do MST).

⁷ Os dados da OIJ ainda revelam que na América Latina de cada 100 novos contratos de trabalho, 7 são para jovens e 93 para adultos. Segundo esta organização, “El nuevo empleo juvenil en Latinoamérica se generó en el sector informal” e “casi la totalidad de los nuevos puestos de trabajo de los jóvenes latinoamericanos fueron de tiempo parcial, es decir, menos de 20 horas a la semana”. Disponível em: [www.oij.org/pdf/ JuventudIberoamericana.pdf](http://www.oij.org/pdf/JuventudIberoamericana.pdf) >. Acesso em mar. 2007.

⁸ A Empresa Júnior da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (www.feajr.org.br), mostra ainda que o desemprego no Brasil em torno de 13% da PEA. A partir de incentivos como o Programa Primeiro Emprego do Ministério do Trabalho, conseguiu incluir 5 de cada 10 jovens economicamente ativos. Porém, destes 5 apenas 1 continua ocupado, sugerindo uma desocupação de 80% entre os jovens já inseridos

Um outro indicador deste contexto nos dias de hoje é, segundo os jovens, a corrupção: “Não está nada fácil. Tem muita injustiça e *corrupção* e *os jovens não tem vez*” (Egresso da EBP).

Diante da realidade que interpela o jovem também se sente perplexo. E é no grupo que ele encontra um espaço para estudar, partilhar perspectivas e medos, refletir sobre a situação e agir. Um adulto que acompanha um grupo descreve a situação de hoje:

Na verdade nós vivemos muito dentro do senso comum (não sei se a palavra é a certa) em que as pessoas se guiam pelo meio em que estão inseridas. E reproduzem estas relações. Mas, chega o momento em que precisamos questionar estas relações. Fazer as pessoas compreender: Isso realmente contribui para mim e para a sociedade em que vivemos? (Responsável da PJE).

Quando perguntado, “Como os jovens do grupo se posicionam em relação a esse contexto?”, os entrevistados responderam que, no grupo, *estudam e debatem* sobre a situação sócio-econômica e cultural do país, *organizam campanhas e projetos* e trabalham com a *formação de valores*, “mostrando o que é certo e o que é errado”. De modo geral, afirmaram que o grupo contribuiu para poder se situar melhor e ajuda no amadurecimento pessoal e coletivo. A organização das respostas dos entrevistados na Tabela 1, conforme o nível de participação no grupo, a partir das categorias mais citadas, mostra o conjunto dos depoimentos.

Tabela 1 – O grupo de jovens e o contexto sócio-econômico e cultural

Posição do grupo	Nível de participação			
	Iniciante	Militante	Egresso	Total
Organização de campanhas e projetos	40,9%	68,2%	20,8%	42,6%
Formação de valores (mostra o que é certo e o que é errado)	36,4%	22,7%	45,8%	35,3%
Estudo e reflexão sobre a situação sócio-econômico e cultural	22,7%	9,1%	33,3%	22,1%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

Fonte: Hammes (2005).

A dimensão mais citada pelos jovens em geral, nas suas respostas, é a organização de campanhas e projetos (42,6% das respostas). No entanto, os entrevistados acentuam diferentes aspectos, conforme seu nível de participação no grupo juvenil. Especificamente, os egressos destacam tanto a *formação de valores* (45,8% das respostas) quanto o estudo e a reflexão sobre a situação sócio-econômica-cultural, enquanto que os militantes (68,2% das respostas) salientam a *organização de campanhas e projetos*.

O envolvimento prático é uma constante no grupo de jovens, participando de campanhas ou de projetos comunitários. A preocupação é já desenvolver a prática de entre ajuda, afirmando identidades voltadas para a coletividade. Na fala dos entrevistados:

Como estamos no meio rural, estamos envolvidos com um *projeto de apicultura* (Militante do MST)

O grupo se envolve com os *projetos da construção da paz* (Iniciante da EBP)

A gente procura ajudar as famílias. Faz o sopão, dá orientação para os pais (com psicóloga), a gente faz *campanhas na escola contra a violência*. Temos a *campanha contra o desarmamento* (brinquedo de guerra). Busca ajudar quando alguém está doente na comunidade. Lutamos por justiça para os índios (Militante da EBP),

O grupo se posiciona bem. Procura ajudar e, se não tem a gente pede, elabora um ofício e vai à procura. Também o pessoal da comunidade que conhece o nosso trabalho contribui (Militante da EBP).

O grupo vai se constituindo em escola da vida, contribuindo para discernir questões e tomar posição de modo consciente, *mostrando o que é certo e errado*, formando valores. Na palavra dos entrevistados:

Acho que o grupo ajuda os jovens, *mostrando o que é certo ou errado* (Iniciante do MST).

O grupo *discute* para ver o que é *positivo ou negativo sobre cada coisa*. A gente sempre tem um projeto de ajudar os outros. A gente adotou uma vila, uma invasão formada por pessoas que não tinham onde morar foram lá construir sua casinha, num lugar invadido. É uma questão de valor. Estamos assim para adotar esta vila mesmo (Iniciante da PJE).

De modo geral, os entrevistados afirmam que o *grupo contribui através de estudos e discussões*, que os jovens possam se posicionar diante da realidade, como revelam as respostas:

O grupo ajuda muito. Agora ainda teremos uma *palestra* para conversar sobre os jovens *no mundo de hoje*. É melhor fazer as coisas em grupo (Iniciante do MST).

Nós somos um grupo de estudantes e *olhamos muito para a situação dos estudantes* e da educação em nosso país e lançamos idéias e perspectivas. Um exemplo foi a nossa semana dos estudantes, onde apresentamos a educação que sonhamos, uma educação diferente. Nos perguntamos, como atuar através da educação? O que é ser um cidadão? O que temos em Sapucaia para a juventude? (Militante da PJE).

O grupo de jovens ajuda o jovem a se situar e atuar neste mundo. Fazer um mundo diferente. Participando ajuda a se situar e melhorar este mundo (Egresso da EBP).

As respostas dos entrevistados acentuam mudanças sócio-culturais que influenciam fortemente a juventude de hoje. Elas atingem os jovens em sua afetividade (mudanças nas relações de família), em sua relação social (grupos), econômica (desemprego) e política (apatia). Parece que o grupo pode ajudar a assimilar estas mudanças, mas nem sempre é a resposta que os jovens esperam. “No grupo ainda não conseguimos desenvolver bem esta temática. Muitas vezes falta gente”. (Militante do MST)

Estas mudanças, conforme Baquero (2004, p. 121) alteram o modo de viver e de ver as coisas, atingindo especialmente os jovens que são “os mais afetados por essas transformações, pois são eles que estão enfrentado as maiores dificuldades tanto no mercado de trabalho quanto às suas ex-

pectativas de um futuro melhor”. Os jovens não se sentem bem nesta situação e mostram sua “insatisfação com a sociedade e o sistema político”, como já constatou Schmidt (2001, p. 323). Contudo, a maioria assume como estilo de vida um slogan antigo: “nem a favor, nem contra. Muito pelo contrário”. Para estes jovens também vale a conclusão de Sandoval (2002, p. 427) sobre os jovens da classe média baixa na participação do processo de mutação cultural:

La participación en la mutación cultural en jóvenes de origen modesto es particularmente dolorosa. Ellos viven un híbrido de mutación complejo. En algunos rasgos, su adhesión al nuevo modelo es nítida; en otros, el rechazo es claro y contundente y en ocasiones, es la bruma la que se impone. Esas son zonas borrosas, poco transparentes, donde la neblina sólo deja ver siluetas fantasmagóricas que se mueven en escenarios impredecibles (SANDOVAL, 2002, p. 427).

No entanto, o autor procura manter a centelha acesa mostrando que, embora a realidade sócio-econômica-cultural também descrita pelos entrevistados com palavras duras como *deplorável* e *precária*, os jovens podem encontrar, talvez no grupo, apoio para soluções que vão ao encontro de suas aspirações. Na pluralidade de lógicas de ação, a convivência em grupo pode contribuir para romper o desencanto e a apatia, pois “Se trata de recomponer el lazo social, intentando la generación de acciones colectivas que involucren activamente a los marginados y excluidos; incorporando sus ideas y sus planteamientos. Se trata de poner la solidaridad en movimiento” (SANDOVAL, 2002, p. 445).

Para examinar o papel do grupo na vida dos jovens, face aos câmbios culturais, perguntou-se “Que relação posso postular entre câmbios culturais e o papel dos grupos de convivência?”. Os entrevistados afirmaram que o grupo “é referência para viver melhor, na medida em que apresenta valores importantes para todos”; contribui para dar-se conta de que “se pode ajudar as outras pessoas”; ajuda a “se situar melhor” para “ser capaz de dizer não diante do que é oferecido pela grande mídia”. A Tabela 2 permite visualizar a importância que os entrevistados atribuem ao grupo face às transformações culturais. As respostas foram organizadas, a partir do nível de participação no grupo.

Tabela 2 – Papel do grupo face os câmbios culturais, segundo o nível de participação

Câmbios culturais	Nível de participação			
	Iniciante	Militante	Egresso	Total
É referência para valores coletivos	44,4%	15,0%	44,4%	33,9%
Ajuda a ser protagonista	22,2%	55,0%	16,7%	32,1%
É um espaço de resistência (ser capaz de dizer não)	11,1%	20,0%	22,2%	17,9%
Contribui com a responsabilização comunitária	22,2%	10,0%	16,7%	16,1%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Hammes (2005).

Destacam-se 4 categorias apontadas, não de forma equitativa, pelos entrevistados dos três

níveis de participação. A maioria das respostas (33,9%) cita o grupo como *referência, espaço onde desenvolvem valores coletivos*, recebendo destaque especialmente entre os egressos (44,4% das respostas) e iniciantes (44,4% das respostas), seguida da indicação de que o grupo *ajuda a ser protagonista* (32,1% das respostas), especialmente referida pelos militantes (55% das respostas).

Os egressos destacam também o grupo como um *espaço de resistência* (22,2% das respostas) e os iniciantes salientam que o grupo contribui com a *responsabilização comunitária* (22,2% das respostas)

Do conjunto de respostas, 33,9% cita o *grupo como uma referência importante, onde desenvolvem valores coletivos*. Os entrevistados afirmam:

O grupo ajuda a preparar os jovens, especialmente para assumir *posições conjuntas* (Egresso da EBP).

Acho que ajuda a situar melhor o jovem e *possibilita referências para a vida coletiva* (Iniciante do MST).

Acredito que o *grupo é referência*. Nós temos que pensar *sempre no bem comum*. Não só na gente (Egresso da PJE).

Na convivência, com estudos e assumindo ações concretas, os jovens vão se dando conta de que são capazes e que *podem fazer mais*. Neste sentido 32,1% das respostas dos entrevistados relacionam o grupo como espaço importante para conhecer a realidade, dar-se conta das condições para intervir com responsabilidade e *desenvolver o protagonismo juvenil*. Segundo eles,

Quanto mais participo, me dou conta de que posso ajudar as outras pessoas (Iniciante da EBP).

O grupo ajuda a entender a situação. Também contribui para aperfeiçoar as capacidades para trabalhar com as pessoas e *fazer mais* (Iniciante da EBP).

Para mim “a cultura está para o humano, como a teia está para a aranha”. Quer dizer, a aranha não consegue viver sem a teia. É a casa dela, nela encontra alimento. Está preso nela. Ao mesmo tempo ela é produtora dela. Assim eu sinto a humanidade em relação à cultura. Sinto os jovens presos a esta teia louca, que nos condiciona e limita. Ao mesmo tempo o jovem é um produtor da cultura. E neste sentido o grupo é importante. Porque *no grupo de convivência ele se sente capaz de fazer, de pensar, de ser protagonista* (Egresso da PJE).

O grupo se constitui também, para os jovens, *espaço de resistência* (17,9% das respostas) onde *aprendem a dizer não e ter autonomia*. Conforme os entrevistados:

O grupo ajuda a compreender as mudanças culturais e *resistir ao supérfluo* (Militante do MST).

Eu fico pensando na realidade volátil. A minha metáfora é o vídeo-clip da MTV (imagem que sucede imagem em questão de segundo – um bombardeio de imagens). Eu vejo o grupo de jovens *como espaço de resistência*, não no sentido de ser conservador, mas de ser capaz

de dizer não diante do que é oferecido pela grande mídia e a outros apelos consumistas (Egresso da PJE).

Com estudos, debates e as ações concretas (campanhas) os jovens vão adquirindo uma formação comunitária que os compromete para ações futuras, num processo de responsabilização comunitária (16,1% das respostas). Segundo os entrevistados:

O grupo ajuda muito. Especialmente como o grupo está atuando hoje, contribuindo com a formação comunitária e *assumindo a sua responsabilidade* para questões como os meninos de rua. A gente vê que isso é muito importante para vida das pessoas. Apesar da situação muito ruim, alguns superam com a ajuda da comunidade, ao ponto de encontrar trabalho e sair da rua. Eu penso que o grupo mantém esta linha e, as pessoas que participam aprendem muito em todos os sentidos (Egresso da EBP).

Uma coisa que marcou foi a campanha da troca de armas de brinquedos por outros brinquedos. Também fizemos campanhas arrecadação de alimentos. *Quando tinha pessoas que tinham carência de alguma família a gente se envolvia*. Nós visitávamos as famílias das crianças e muitas vezes organizamos campanhas para ajudar estas famílias que eram muito necessitadas. Além de levar alimentos, sempre líamos a Palavra de Deus. Era um jeito bem bonito para todos participar e para mostrar que não queríamos só dar alimento. Queríamos unir todos numa família. *Mostrávamos que elas (as famílias) faziam parte da comunidade* (Egresso da EBP).

Sandoval (2002), a partir de uma pesquisa com a juventude chilena, refere mudanças no próprio modelo de integração social, passando do modelo tradicional (Indivíduo-Coletivo-Estado), em que o processo de individualização se desenvolvia no coletivo e tinha como referência o Estado, a um novo modelo (Indivíduo-Mercado-Comunidade) em que o mercado assume o centro articulador da integração social. Segundo o Sandoval (2002), “el pilar fundamental que sustenta el modelo es la autorrealización autónoma, la via para lograrlo es tener éxito en el mercado y el requisito fundamental para obtener la integración deseada es el pragmatismo” (p. 58).

Estas transformações culturais também são sentidas pelos entrevistados ao referirem para as mudanças sócio-econômicas e culturais dos últimos anos, destacando como papéis do grupo ser referência para valores coletivos, contribuir para o protagonismo juvenil, constituindo-se em espaço de resistência e formando para a responsabilização comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa indica que o grupo de convivência pode ser um espaço importante para o desenvolvimento de aprendizados para a vivência e sociedade. Nele se forma para a solidariedade e a participação, desenvolve o espírito de equipe numa rede de intercomunicação e de responsabilidade social. Na medida em que participa, assume responsabilidades e valoriza a participação de todos. Forma-se para a democracia.

A partir do grupo, com a participação social, desenvolve a formação comunitária, comprometida com a participação de todos. Valoriza-se a educação popular, comprometida com a transformação social, como ensina Paulo Freire: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1985, p. 79).

Dentro desta proposta compreendemos a juventude dos anos 60 que exigia espaço de participação, através dos movimentos estudantis, alertando: “Não confie em ninguém com mais de trinta”.⁹ E a ditadura militar impondo silêncio como o único caminho: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Com esta orientação, os ideais foram podados e as lideranças obrigadas a se afastar de qualquer proposta alternativa. Na volta da democracia nos anos 90, reaparecem os jovens, “cara-pintados”, exigindo ética na política, com um jeito especial de participar, requerer espaço e desenvolver a cidadania.

A pesquisa mostra que a mudança da situação transforma o modo de pensar e de viver das pessoas. Nesta perspectiva de análise, Sandoval (2002) em um estudo sobre os jovens do século XXI subdivide as lógicas de ação, os modos de gestão de si e as transformações no modelo cultural, em quatro tendências: tendência expressiva (drogas, violência, afeto, recolhimento espiritual e ofensas), tendência consumista (endividamento, consumo simbólico, imitação de modelos), tendência à sobrevivência (conformismo/resignação, fé em Deus, postergação, esquecimento) e tendência al “repliegue organizacional” (sair com amigos, estudar, trabalhar, não participar, divertir-se).¹⁰ O autor conclui haver uma diversidade de jovens que se movem em espaços distintos: uns caracterizados pela pobreza, marginalização e exclusão e outros pela comodidade, o luxo e a abundância.

A juventude se apresenta hoje diferente dos outros tempos (anos 1960, 1980 e até dos anos 1990). Ela está inserida em uma cultura e constrói cultura, em uma diversidade de ações e movimentos que se aceleram constantemente. Seu envolvimento em grupos de convivência como os organizados pela EBP, PJE e MST, desencadeia um processo de formação que auxilia os jovens na reflexão sobre o processo de mudanças culturais.

Talvez a proposta de Freire (1992), por uma nova pedagogia relacionando, não apenas as bases para uma linguagem crítica, mas também a formação de um coração ensinador (convidando à compaixão, à empatia e ao perdão) ajude a buscar jeitos de chegar às gerações mais jovens propon-

⁹ Esta expressão possivelmente tem a ver com o movimento geracional que foi supervalorizado pelo projeto que se instalou na Itália fascista e na Alemanha nazista. Gregor Stasse, chefe da organização do partido nazista gritou em 1927: “Abram caminho, velhos!”. Expressão que se repetia em 1934 com Baldur Von Schirach, chefe da Juventude do Reich: “Caiam fora, velhos”.

¹⁰ Indiferença em relação às organizações e a vida social. Para Sandoval (2002) “En este caso, la posición de los sujetos frente al sistema se manifiesta por una indiferencia social. Entre los jóvenes “replegados organizacionalmente”, la indiferencia que manifiestan frente a sus pares está dada por el prejuicio y estigma de que son portadores los jóvenes pobres. Ellos saben que existen, pero no les interesa lo que les pase, para ellos lo principal es su desarrollo personal, tranquilidad y seguridad.” (p. 403).

do novas formas de ser e atuar na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAJOIT, Guy. **Todo cambia**: Análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas. Santiago: LOM Ediciones, 2003. (Colección Escafandra)
- BAQUERO, Rute. (Des) construindo a democracia: a educação política dos jovens (Revista de Ensino – 1964-1978). In: M. BAQUERO (org). **Democracia, juventude e capital social no Brasil**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGRS, 2004.
- BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- CELAM, Seção Juventude. **Civilização do amor**: Tarefa e Esperança: orientações para a pastoral da juventude Latino-Americana. (trad. Pe. Hilário Dick, SJ) São Paulo: Paulinas, 1997.
- DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes**: jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.
- EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976 (col. Estudos/41).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social**: um estudo sobre grupos juvenis. Tese (doutorado em educação). Unisinos, 2005.
- HAMMES, Roque. **A participação dos jovens nos movimentos sociais**. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 3, p. 151-170, set./dez. 1999.
- KLIKSBERG, Bernardo. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de la CEPAL**. N. 69. Santiago do Chile: CEPAL, dezembro de 1999, p. 85-102.
- KRAUSKOPF, Dina. Dimensiones críticas en la participación social de las juventudes. BALARNINI, Sergio (coord.). **La Participación social y Política de Los Jovenens en el Horizonte del Nuevo Siglo**. Buenos Aires: CLASCO, 2000, pp. 119-134.
- LEMUS, Roberto Brito. Hacia una sociologia de la juventud: algunos elementos para la deconstrucción de un nuevo paradigma de la juventud. **Ultima Década**. Viena del Mar: CIDPA, n. 9, 1998, pp. 1-7. Disponível em: <www.cidpa.org/txt/9artic09.pdf>. Acesso em abr. 2004.
- LÊNIN, Vladimir Ulianov. Tarefas da juventude na construção do socialismo. In: **As Tarefas Revolucionárias da Juventude**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

- LUZATTO, Sérgio. Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens 2: A época contemporânea.** (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Vol 2. A época Contemporânea), p. 195-258.
- MICHAUD, Eric. “Soldados de uma idéia”: os jovens sob o Terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens 2.** (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1996a. (Vol 2. A época Contemporânea), p. 292-317.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas.** Trad de Herrera Filho. Edição Ridendo Castigat Mores (Versão para eBook), 2001. Disponível em <www.jahr.org>, Domínio Público. Acesso em: mar. 2004.
- SANDOVAL M., Mario. **Jóvenes del siglo XXI: sujetos y Actores en una sociedad en cambio:** Ediciones UCSH, 2002.
- SANDOVAL, Mario. La relación entre los cambios culturales de fines de siglo y la participación social y política de los jóvenes. In: BALARNINI, Sergio (coord.). **La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo.** Buenos Aires: CLASCO, 2000, pp. 147-164.
- SARTI, Cynthia. **O jovem na família: o outro necessário.** In: NOVAIS, Regina e VANNUCHI, Paulo. Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 115-129.
- SCHMIDT, João Pedro. **Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.
- SCHWARTZ, Peter. A Arte da Previsão: **planejando o futuro em um mundo de incertezas.** trad. de Alana Madureira. São Paulo: Scrita, 1995.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Reinvenções da Utopia: a militância política de jovens nos anos 90.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- UNDIKS, Andrés (cord). **Juventud Urbana y Exclusión Social: las organizaciones de la juventud poblacional.** Buenos Aires: Humanitas – Fólco, 1989.
- URRESTI, Marcelo. Paradigmas de participação juvenil: un balance histórico. In: BALARNINI, Sergio (coord.). **La participación social y política de los jovenens en el horizonte del nuevo siglo.** Buenos Aires: CLASCO, 2000, p. 177-206.